

## EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM CIÊNCIAS E BIOLOGIA: RELATO DA EXPERIÊNCIA DE OFERTA DE UMA DISCIPLINA NA UFAL

## EDUCACIÓN PARA LAS RELACIONES ÉTNICO-RACIALES Y FORMACIÓN DE PROFESORES EN CIENCIAS Y BIOLOGIA: INFORMES DE LA EXPERIENCIA DE UNA DISCIPLINA EN LA UFAL

**Raiza Padilha Scanavaca**

Universidade Federal de Alagoas - UFAL  
[raiza.scanavaca@icbs.ufal.br](mailto:raiza.scanavaca@icbs.ufal.br)

**Rosiléia Oliveira de Almeida**

Universidade Federal da Bahia - UFBA  
[rosileiaoalmeida@hotmail.com](mailto:rosileiaoalmeida@hotmail.com)

### RESUMO

Este é um relato de experiência de uma professora substituta em uma universidade pública que teve como desafio o planejamento de uma disciplina nunca antes ofertada na matriz curricular do curso de licenciatura em Ciências Biológicas da UFAL, com o tema Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER). Com isso, trago o processo de elaboração do planejamento, as dificuldades e a importância de aproximar as ciências humanas das ciências naturais. Descrevo o plano de ensino com suas escolhas, alguns referenciais teóricos, organizações metodológicas e, por fim, faço minha avaliação sobre as potências e dificuldades nesse processo.

**Palavras-chave:** ERER; antirracismo; Matriz curricular; Plano de Ensino; Formação de professores.

**Eixo temático:** 3. Formação docente em Ciências e Biologia.

**Modalidade:** Relato de experiência pedagógica.

### RESUMEN

Este es un relato de experiencia de una profesora sustituta en una universidad pública que tuvo como desafío la planificación de una disciplina nunca antes ofrecida en la matriz curricular de la carrera de Ciencias Biológicas de la UFAL, con el tema Educación para las Relaciones Étnico-Raciales (ERER). Traigo el proceso de elaboración del planeamiento, las dificultades y la importancia de aproximar las ciencias humanas a las ciencias naturales. Describo el plan de enseñanza con sus elecciones, algunos referenciales teóricos, organizaciones metodológicas y evaluativas y, finalmente, hago mi evaluación sobre las potencias y dificultades en proceso.

**Palabras clave:** ERER; Antirracismo; Matriz curricular; Plan de Enseñanza; Formación del profesorado.

**Eje temático:** 3. Formación del profesorado en Ciencias y Biología.

**Modalidad:** Relato de experiencia pedagógica.

## LAMBADA DE SERPENTE

Cuidá dum pé de milho  
Que demora na semente  
Meu pai disse meu filho,  
noite fria, tempo quente (DJAVAN, 1980)

Eu estava vivendo as contradições da vida de uma pesquisadora pobre bolsista no Brasil que se muda do estado, no meu caso de São Paulo para a Bahia, sem relação trabalhista e recebendo uma bolsa de doutorado sem reajuste há 10 anos, fazendo disciplinas, estudando, escrevendo, atualizando os sites de concurso público todos os dias e sonhando com a transformação da minha própria realidade, da realidade da minha família e da realidade brasileira. Parte desses sonhos são compartilhados com muitos dos meus colegas pesquisadores que acreditam na ciência e na pesquisa como instrumento de transformação subjetiva e coletiva capaz de elucidar nosso olhar sobre a realidade, de intervir no mundo e transformar nossa própria vida e a sociedade.

Este caminho começa com a pandemia e as mudanças drásticas na minha vida, pois fiz a graduação, mestrado e comecei minha vida profissional no sul do país. O desemprego, as condições difíceis de trabalho, o contexto político e profissional, a curiosidade da vivência em outros territórios e o interesse em continuar a vida acadêmica, conhecendo outras realidades, me impulsionaram a voltar à minha cidade natal, Piracicaba, no interior paulista, e começar o movimento de intencionar meus passos para o Bahia, com a escrita de um projeto de doutorado.

Meu deslocamento com vínculo na Universidade Federal da Bahia foi com bolsa de doutorado, o qual se inseriu no histórico de ter feito alguns processos seletivos online pelo nordeste, que apareceram no decorrer da pandemia. Entre eles, um processo seletivo para docente substituta na Universidade Federal de Alagoas. E foi esse o processo, a precariedade da vida de bolsista em Salvador, o desejo de um salto profissional, e um e-mail de convocação para a vaga de substituta por dois anos, que me trouxeram à experiência didática deste relato. Fiz minha mudança da Bahia a Alagoas nove meses depois da minha passagem por Salvador.

Meu primeiro mês na capital da terra de Zumbi foi com a estreia da turnê de um dos meus artistas favoritos, Djavan, ilustre recepção. Mas, de fato, eu não conhecia as contradições cinematográficas da capital alagoana que tem o mar da *cor que azuleja o dia*, mas é cenário do maior crime socioambiental em uma capital no Brasil. O crime da Braskem, que afundou um terço da cidade e não há nenhuma pessoa criminalizada por isso. Não conhecia a história da “Quebra de Xangô” de 1912, um dos maiores eventos de intolerância religiosa do nosso país que teve casas de matriz africana, artigos religiosos e pessoas queimadas, violentadas, assassinadas e intimidadas pelo Estado. Não conhecia a história do movimento negro na construção do memorial do Quilombo dos Palmares na Serra da Barriga, sede do quilombo, lugar que foi cenário do maior quilombo da história do país, onde atualmente estão as cinzas do intelectual, artista, e militante Abdias do Nascimento, que ajudou na fundação do memorial. Mas sabia que era a única capital do nordeste em que a extrema direita havia ganhado em porcentagem eleitoral em 2023. A história antiga e atual de Alagoas é marcada por contradições emblemáticas, por uma política que diz muito sobre as guerras que vivemos no nosso país.

É importante salientar que tenho um caminho que construiu um senso de justiça social, que começou com minha trajetória no curso de licenciatura em Ciências Biológicas e no movimento estudantil, quando me aproximei da questão agrária com a Via Campesina, da luta pelas homologações territoriais do povo Guarani Mbya, de quilombos, ocupações, das dimensões do racismo ambiental, dos cursinhos comunitários, da luta pelo acesso à educação e por uma educação classista e anticolonial.

Mesmo sendo uma pessoa branca, fui construindo minha identidade com letramento racial, identificando meus privilégios e percebendo a importância de encarar o desafio na luta por uma educação antirracista, com a percepção de que ela é também anticolonial. Em meio a essas convicções, à pesquisa e à precarização do trabalho de pesquisadora no Brasil, fui trabalhar em regime de 40 horas semanais como substituta na UFAL e, com isso, passei a lecionar quatro disciplinas da matriz curricular do curso de licenciatura em Ciências Biológicas.

Entre as disciplinas, uma delas nunca ofertada, a disciplina Prática Pedagógica como Componente Curricular 3 parte 3, com a ementa que coloca a temática afroindígena na centralidade. A disciplina é ofertada para os dois últimos semestres do curso de

Licenciatura em Ciências Biológicas, buscando suprir a lei 10.639, de 2003, e a lei 11.645, de 2008, de mudam a LDB e inserem a obrigatoriedade do estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas, ressaltando que esses conteúdos devem ser ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas da educação artística, literatura e história brasileira.

Após quinze anos da criação de uma lei que transformou a LDB, o impacto é lento na educação básica, o que pode ser atribuído às dificuldades de formação para abordagem da temática. Assim, alguns cursos de licenciatura têm ofertado, de maneira obrigatória ou optativa, disciplinas para aproximar os licenciandos, professores em formação, aos debates das relações étnico-raciais, da valorização dos povos indígenas e da negritude, do reconhecimento do racismo estrutural e da importância de uma profunda mudança no país.

Ser a primeira professora a lecionar uma disciplina com tamanha relevância, que compõe uma matriz recém-construída em uma universidade pública, foi assustadoramente desafiador, interessante e singular. Obviamente, a experiência me gerou elaborações e avaliações, as quais venho, por este relato, compartilhar com a comunidade de professores/as, pesquisadores/as, estudantes e curiosos/as do nosso campo do Ensino de Biologia.

## FARINHA

A farinha é feita de uma planta  
Da família das euforbiáceas, euforbiáceas  
De nome *Manihot* *utilissima*  
Que um tio meu apelidou de macaxeira  
E foi aí que todo mundo achou melhor (DJAVAN, 2001).

A matriz curricular do curso de licenciatura em Ciências Biológicas da universidade em questão foi reestruturada a partir da Diretriz Curricular Nacional (DCN) de 2015 e ficou pronta em 2019, ano em que uma nova DCN que se aproxima da BNCC foi estabelecida. Atualmente temos a DNC formação de 2024 homologada, avaliada pelos pesquisadores/as e professores/as como um enorme retrocesso. A turma ingressante em 2020 foi a primeira da nova matriz. O curso tem entrada no vespertino e no noturno e a disciplina Prática Pedagógica como Componente Curricular 3 parte 3 tem carga horária de 60 horas, com temática Relações Étnico-Raciais.

A formulação do planejamento da disciplina foi minha responsabilidade. Realizei o Plano de Ensino de um curso que eu sonhei enquanto integrante do Centro Acadêmico, estudante de graduação em Ciências Biológicas quando era representante de colegiado do curso, em meados de 2015, momento que debatíamos sobre transformações na matriz curricular e a importância de alguns temas na formação de professores/as, entre eles as relações étnico-raciais. Foi no mínimo uma oportunidade de práxis, da execução de um sonho coletivo, de assumir uma responsabilidade necessária e complexa.

Durante os anos de pesquisadora, mestranda e técnica ambiental em uma comunidade indígena Guarani, aprendi e sigo aprendendo que, assim como as etnias indígenas, a ciência cartesiana trouxe um entendimento epistemológico sobre a realidade que estrutura o que antropólogos conceituam como cosmovisão, a construção subjetiva e comunitária sobre a realidade. A cosmovisão da ciência cartesiana tem como princípio a dominação da natureza e a fragmentação em partes para o entendimento do todo, sendo bem distinta das cosmovisões indígenas.

Como elaborado pelo geógrafo brasileiro Carlos Walter Porto Gonçalves (1989), a ciência moderna, instituição da sociedade e cultura europeia que começa a se configurar no período chamado de Renascimento, no século XVI, e se consolida nos séculos XVIII e XIX, configura-se em eixos: a oposição entre ser humano e natureza; o entendimento do sujeito como objeto; e o paradigma atomístico individualista.

Os eixos definidos por Porto Gonçalves (1989) definem o abismo entre as ciências humanas e as ciências naturais, porque o humano é entendido como dominador da natureza, que busca decifrá-la, desvendá-la, dominá-la. O sujeito objetifica o mundo para entendê-lo, para ter uma visão ampliada dos “objetos”. Os objetos são peças que são interpretadas em unidades; assim, entendendo as unidades, juntamos as “peças” e traduzimos o todo. Esse entendimento de fazer ciência e construir conhecimento pode ter trazido benefícios e avanços em alguns setores, mas sem dúvida também trouxe ignorância, porque, como explicita a biologia organicista, na vida nem sempre a junção de peças explica o todo.

Como sugere Porto Gonçalves (1989), a ciência cartesiana estabeleceu um abismo entre as ciências humanas e naturais e trouxe diálogos reducionistas de uma com a outra, como é o caso da teoria do Darwinismo Social e outros equívocos que aprofundam violências

entre humanos. Essa violência se estende a outras formas de vida, traduzida no especismo. Tal reflexão, que não é elaborada apenas por Porto Gonçalves, mas por uma série de intelectuais do campo teórico pós-colonial, decolonial e anti-colonial, é percebida empiricamente pela diferença de percepção de pessoas das ciências naturais e das ciências humanas nas universidades, pela construção da dicotomia entre as áreas, pela relação humana de domínio e exploração da natureza.

Dessa forma, elucidar essas questões, trazer reflexões sobre a existência de outras maneiras de interpretar o mundo e aproximar as discussões das ciências humanas no curso de Ciências Biológicas é por si só um grande desafio. No entanto, é um desafio da educação para as relações étnico-raciais (ERER). Isso porque a ciência cartesiana nasce na Europa e é arrastada para o mundo pela colonização dos territórios. Dentro dela, nasce o conceito de raça e sua hierarquização. Assim, aproximar as ciências humanas e biologia faz parte da ERER. Elucidar o conceito de racismo estrutural e dimensionar os impactos da falta de comunicação entre nossa área e conceitos consensuais nas ciências sociais são também parte da ERER.

Mas há também temas muito específicos da biologia, que atravessam as questões ético-raciais, como os seguintes, dentre muitos outros: racismo científico no mundo e a eugenia no Brasil; os povos indígenas e africanos e suas relações com as formas de vida; a competição e o apoio mútuo na relação intraespecífica nos seres humanos; os problemas da implementação das Unidades de Conservação no Brasil e América Latina e o que o biólogo Carlos Antônio Diegues (2002) chama de “mito da natureza intocada”; o início da humanidade em África; o início da ciência em Kemet; as noções de determinismo biológico presentes na atualidade; o impacto da biotecnologia nos povos tradicionais; a filogenia e a invenção da raça; os estudos críticos da branquitude e a racialização do branco; a nomenclatura binominal Tupi; o projeto genoma; a invasão colonial e a aclimatação de espécies; as plantas alimentícias nativas e exóticas e soberania alimentar; as epidemias na invasão colonial; a bioética: o caso do sangue yanomami; o estudo da sífilis não tratada em Tuskegee; as células de Henrietta Lacks.

Entretanto, a disciplina precisa traduzir a importância do tratamento cuidadoso desses temas em sala de aula com o objetivo da construção de uma educação antirracista, anticolonial e libertária. A disciplina precisa aproximar os estudantes, futuros

profissionais da educação, de uma visão que critique o biologicismo e perceba a vida a partir de outras lentes, sem perder de vista a própria biologia. O desafio para nós, formados/as em biologia, com pós-graduação em ensino, é profundo. Por isso, a vontade de compartilhar, com meus pares, as escolhas realizadas no planejamento, algumas avaliações feitas e melhorias que já consigo vislumbrar, além do levantamento de ideias para serem discutidas pela nossa comunidade de professores/as de biologia, preocupados/as com uma educação que contribua para a liberdade humana e das outras formas de vida.

### VIVER É DEVER

Tem que plantar muito mais  
Reflorestar ideias  
Ideia boa não acontece à toa  
Uma vida pra ser bem vivida tem que se dar  
Acudir, amparar, prestar mais atenção (DJAVAN,2018).

Ao elencarem grandes temas: Antônio Carlos Diegues, Douglas Verrangia, Claudia Sepúlveda, Charbel Ninõ El Hani, Juan Manuel Sánchez Arteaga, Yonier Alexander Marin, Piotr Kropotkin, Richard Charles Lewontin, Richard Levins, Humberto Maturana, Francisco Varela, entre muitos, se tornam importantes referenciais da biologia. Busquei estruturar um rico arcabouço teórico para apresentar aos meus estudantes, alguns biólogos/as e professores/as que fazem discussões na biologia ou na educação em biologia que podem fortalecer a EREER. No entanto, também me cabia apresentar alguns clássicos das ciências humanas completamente invisibilizados por nós da biologia.

Afinal, nosso curso não apresenta Abdias do Nascimento como o grande intelectual que refutou a tese da democracia racial elaborada por Gilberto Freyre. Também não apresenta grandes nomes da educação anticolonial, como Nilma Gomes, Daniel Munduruku, Gerssem Baniwa, Ailton Krenak. Estamos distantes do universo antropológico e da importância de Eduardo Viveiros de Castro na transformação da antropologia e na criação de conceitos muito interessantes sobre a diversidade cultural humana. Também distantes do universo em que “A queda do céu - palavras do xamã yanomami” é leitura básica para o entendimento da violência da população branca e da mineração com a floresta e com os povos da Amazônia. Então, é preciso imaginar caminhos para aproximar os/as estudantes

de biologia a temáticas relevantes para o ensino de biologia mais sensível à biodiversidade ambiental e cultural.

Os objetivos da disciplina foram organizados da seguinte forma:

**Geral:** desenvolver com as/os licenciandos/as um conjunto de atividades e discussões que permitam a apropriação da abordagem de uma Educação para as relações étnico-raciais (ERER) em Ciências e Biologia.

**Específicos:** conhecer a história dos movimentos para a ERER no Brasil e suas potências para Educação em Ciências da Natureza e na Biologia; problematizar as dificuldades e potencialidades da educação antirracista; conhecer referenciais teóricos que contribuam no entendimento mais sensível à diversidade cultural.

Para isso, decidi dividir a disciplina em módulos:  
**MÓDULO I** - Racismo e antirracismo: o que as disciplinas Ciências e Biologia têm a ver com isso?

**MODÚLO II** - O papel dos movimentos sociais étnico-raciais na educação.

**MÓDULO III** -Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) em Ciências e Biologia.

A avaliação das disciplinas nesta universidade é realizada a partir de notas que devem ser lançadas: uma na metade do período e outra ao final. Os/As estudantes, caso tenham média menor que sete pontos, têm direito a reavaliação e prova final. As avaliações foram atividades na busca de uma estratégia processual e formativa. Na primeira metade foram realizadas atividades de escrita, como resenha crítica de um dos cinco artigos sugeridos sobre a ERER e a biologia; a presença em aula; e a atividade de diagnóstico. Na segunda parte, foi avaliado o seminário apresentado no módulo II; a sequência didática e o artefato didático, apresentados no módulo III. Todos os critérios de avaliação de cada uma das atividades foram detalhados no plano de ensino.

Antes do início da disciplina foi enviada uma atividade no moodle/ava para diagnosticar o conhecimento das turmas sobre a ERER, sobre intelectuais negros e indígenas, sobre perceber ou não a universidade e as escolas como espaço racista, sobre o conhecimento

das etnias indígenas e territórios quilombolas em Alagoas, e sobre as expectativas e recomendações para a disciplina.

No primeiro módulo tivemos cinco encontros em que trabalhamos: a origem do racismo e a construção do racismo estrutural; o mito da democracia racial e a eugenia no Brasil; povos indígenas e a contribuição não consentida no projeto genoma; o projeto genoma; e o lugar do conhecimento na liberdade humana.

Foram cinco encontros que tiveram aulas expositivas dialogadas com as temáticas apresentadas no módulo; outras, com leitura e discussão de textos como: *Racismo estrutural*, de Silvio Almeida; *Podemos classificar e dividir humanos em raças?*, de Silviene Fabiana de Oliveira, Ana Carolina Arcanjo e Nilda Maria Diniz Rojas; *Darwinismo e racismo científico no Brasil*, de Claudia Sepulveda, Yaci Farias, Ricardo Machado e Juanma Arteaga; *O genocídio do negro brasileiro e o processo de racismo mascarado*, de Abdias do Nascimento; e *Colonialidade do saber: perspectivas decoloniais para repensar a univers(al)idade*, de Diego dos Santos Reis. Também realizamos a apreciação e discussão de audiovisuais, como o documentário *Napepe* (Nadja Marin, 2004), que conta a expedição de James Neel e Napoleon Chagnon ao território Yanomami em 1968, trazendo a narrativa de cientistas, yanomamis e antropólogos, com o apelo para devolução das amostras de sangue retiradas durante a expedição utilizada no Projeto Genoma Humano; e o episódio 1 de *Guerras no Brasil*, da Netflix, que elucida, a partir de intelectuais indígenas e antropólogos, a guerra na invasão colonial.

O segundo módulo constou de três encontros, que foram organizados na apresentação de seminários realizados em grupos com os seguintes temas: movimento negro educador; movimento indígena educador e estudos críticos da branquitude. Os grupos foram organizados no início da disciplina e tiveram um tempo considerável para preparar a apresentação. A turma toda teve acesso aos textos-base, sendo eles: *Movimento negro educador*, de Nilma Gomes (2019); *O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)*, de Daniel Munduruku (2012); e *O pacto da branquitude*, de Cida Bento (2022). Foram indicados capítulos dos livros e foi recomendada uma organização da apresentação, que seria: apresentar os/as autores/as, a temática geral, o que mais chamou atenção e perguntas, questionamentos, dúvidas e proposições geradas a partir da leitura. Além disso, na aula do seminário dos povos indígenas, fiz uma apresentação sobre

a história dos povos indígenas no Brasil; o processo de criação da União das Nações Indígenas e da Articulação dos Povos Indígenas; as noções racistas de homogeneização dos povos e de primitivismo; a importância dos povos na preservação da diversidade cultural e biodiversidade das florestas; as etnias existentes em Alagoas e seus territórios, com dados do site da Secretaria de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio de Alagoas<sup>1</sup>.

No terceiro módulo foram cinco encontros, voltados completamente para pensar na prática da educação em ciências e biologia e as relações étnico-raciais, e a realização da atividade de planejamento das sequências didáticas. As aulas foram expositivas dialogadas, envolvendo leitura de artigo em sala com apresentação e discussões, com proposição de dinâmicas e uma tentativa de possibilitar mais interação. O primeiro encontro foi uma apresentação geral de temas potentes para trabalhar nas áreas da biologia com a escrita das áreas na lousa: ecologia; microbiologia; biologia celular; genética; micologia; botânica; embriologia; educação ambiental; zoologia; biotecnologia, dentre outras.. Começamos a pensar juntos/as sobre temáticas possíveis de serem abordadas. Assim, escrevi algumas das possibilidades de temas que atravessam essas áreas, como: etnoecologia e a crítica ao ecologia conservacionista; a ecologia nas palavras de Davi Kopenawa; os desdobramentos de noções de biologia e ecologia, como sociobiologia e ecologia social; a epidemiologia e o processo de invasão colonial; como sarampo no contexto Yanomami, a biologia celular e as células de Henrietta Lacks; as interpretações racistas de miscigenação, como a ideia de branqueamento ou degeneração da eugenia; o racismo em noções de determinismo biológico como a história da concepção de QI; a etnobotânica e a perda da soberania alimentar, a biopirataria e as patentes; à etnomicologia e os povos da Amazônia; o racismo ambiental e a construção da Belo Monte; as questões éticas da transgenia e o *avaxi* (milho) Guarani. Esse relacionamento entre áreas e temas tem intuito de fomentar ideias, inclusive para as sequências didáticas que seriam elaboradas para a disciplina.

As aulas seguintes tiveram como temas Ecologia, conservação e os povos indígenas do Brasil; Invasão colonial, biodiversidade e as plantas para comunidades indígenas e

---

<sup>1</sup> <https://dados.al.gov.br/catalogo/dataset/comunidades-indigenas-de-alagoas>

quilombolas; determinismo biológico e a relação com o racismo; e, por fim, a apresentação das sequências didáticas, que foram realizadas em grupos e tiveram como público-alvo os/as estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental ou Ensino Médio. Foram muitas as referências bibliográficas utilizadas nas aulas. De Samia Jordy, com *Biopirataria e povos indígenas* (2014), Ana Lara Schlindwein, com *Caminhos decoloniais às margens do Ensino de Ciências através do poema Morte e Vida Severina* (2017); Richard Lewontin, com *Biologia como ideologia* (2010), até Bárbara Carine, com *Como ser um educador antirracista* (2023), entre outras.

SE...

Você disse que não sabe se não  
Mas também não tem certeza que sim

Quer saber? (DJAVAN,1992).

Avaliar a participação dos/as estudantes é sempre complexo e multifatorial, mas quero elaborar algumas interpretações. Sem dúvida, percebi potência e desafios no processo. As dificuldades em leitura e interpretação de textos foram evidentes, tanto na correção das resenhas e seminários quanto em debates em sala de aula. A escrita de boa parte dos/as estudantes foi limitada, inclusive em relação a um maior senso crítico. Existe uma questão a ser considerada neste aspecto que é a falta de leitura e escrita durante o curso, a distância com os debates das ciências humanas, a inexperiência em fichamento de textos e o desgaste dos/as estudantes no final do curso.

Entretanto, houve muita curiosidade de grande parte dos/as estudantes. O engajamento na realização da sequência didática trouxe ideias incríveis, uma delas inclusive utilizando a música “farinha” de Djavan. Os/As estudantes perceberam o abismo que tinham de discussões muito importantes para a docência, como o entendimento das diferenças entre racismo individual, institucional e estrutural; a nitidez da falácia do racismo reverso e da meritocracia; a importância de defender a política de cotas raciais; a imensidão de temáticas atravessadas pelas relações étnico-raciais que podem ser trabalhadas nas disciplinas ciências e biologia; e o susto dos/as estudantes ao perceberem a magnitude que teve o movimento eugenista no Brasil. Noções importantes, como a da existência de sete diferentes etnias indígenas no estado de Alagoas, geraram curiosidade com relação à questão indígena, o que foi muito satisfatório. Infelizmente, a saída de campo, que seria na Serra da Barriga, no Memorial do Quilombo dos Palmares, junto a uma professora e

botânica, não foi realizada devido à dificuldade de recursos para transporte enfrentada pelos/as docentes na Universidade Federal de Alagoas.

Em relação ao planejamento do curso, percebi que o módulo três poderia ter tido mais encontros. Nas atividades, houve muita dificuldade em relacionar os temas, em perceber como organizar uma sequência didática com foco nas ciências biológicas, tangenciando temas relevantes para o antirracismo. Os/As estudantes ficaram inicialmente perdidos/as, pensando mais uma prática docente limitada ao livro didático ou, ainda, as competências da BNCC, o que é uma imensa perda no processo educacional.

### NUM MUNDO DE PAZ

E que a gente volte a rir de tudo  
E que a vida seja longa e tudo  
Num mundo de paz (DJAVAN, 2022).

Por fim, gostaria de ressaltar o movimento de busca em aprender a lecionar e a costurar a educação em ciências e biologia com a EREER. Sem dúvida, o que esse processo tem de importância, tem também de dificuldade, sobretudo em decorrência da nossa formação em biologia. Não é simples. Eu mesma, com um mestrado em pesquisa-ação em uma comunidade indígena, estou no processo de aprender e, muitas vezes, cheia de equívocos. Entretanto, prossigo na busca incessante do exercício subjetivo antirracista e da prática didática nessa relação da educação que busque visibilizar, valorizar, respeitar e perceber a violência colonial da branquitude no processo de usurpação dos povos, seus conhecimentos e sua autoestima.

Outro ponto que gostaria de destacar é que, sim, pessoas brancas precisam entender que a responsabilidade da educação antirracista é de todos/as nós, inclusive, como bem destaca Bárbara Carine Soares Pinheiro (2023): “As pessoas brancas têm o papel importante na luta antirracista. Obviamente que não é um papel tutelador, infantilizador de pessoas negras” (p. 61) [Aqui me refiro também às pessoas indígenas, como fez o Estado brasileiro até a Constituinte de 1988] “(..) mas sim um papel que se relaciona com o seu próprio campo de atuação” (p. 61). A nossa prática didática precisa conversar com os problemas sociais, sendo um deles o racismo estrutural e as desigualdades normalizadas pós colonização no Brasil.

### REFERÊNCIAS

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. 5. ed. São Paulo: Planeta, 2023.

DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 2001.

DJAVAN. **Lambada de serpente**. Compositor: Djavan e Cacaso. Intérprete: Djavan. Álbum Alumbramento. 1980, (3 min 51 seg).

DJAVAN. **Viver é dever**. Compositor Djavan, Intérprete: Djavan. Álbum: Vesúvio, 2018, (4 min 36 seg).

DJAVAN. **Farinha**. Compositor Djavan, Intérprete: Djavan. Álbum: Milagreiro, 2001, (4 min 22 seg).

DJAVAN. **Se...** Compositor Djavan, Intérprete: Djavan. Álbum: Coisa de acender, 1992, (4 min 53 seg).

DJAVAN. **Num mundo de paz**. Compositor Djavan, Intérprete: Djavan. Álbum D. 2022, (5 min 59 seg).

PORTO GONÇALVES, Carlos Walter. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 1989.